

Reflexões sobre o envelhecimento e os processos criativos na maturidade a partir dos autorretratos de Rembrandt

Reflections about the Aging and the criatives processes from the self-portraits of Rembrandt

Ledismar José da Silva
Lucy Gomes Vianna
Armando José China Bezerra

RESUMO: Feito levantamento e reflexão sobre os autorretratos de Rembrandt, artista holandês do século XVII, mostrando-o na juventude, na maturidade e na velhice. O artista fez mais de 100 autorretratos durante a trajetória de vida, que documentaram impiedosa e cruelmente o perecimento de seu corpo. A altivez e o vigor, retratados nos autorretratos da juventude, foram substituídos por qualidades adquiridas na dura caminhada pela vida. Diante da decadência da carne, desnudaram-se a paciência, a reflexão e a sabedoria. Rembrandt, na última etapa da vida, velho e pobre, continuou a trabalhar executando pinturas de grande qualidade. Com paixão e amor pelo seu trabalho, experiente e maduro, esmerou-se na técnica pictórica e produziu seus melhores quadros. A pintura foi o refúgio do artista, dando-lhe forças e ânimo, até sua morte aos 63 anos de idade. Em nossa sociedade atual, da mesma forma que ocorria na época de Rembrandt, o velho ainda é desprezado, descartado e excluído, em fase da vida na qual poderia continuar a ser útil, em decorrência dos conhecimentos e experiências adquiridos ao longo dos anos, o que o predispõe ao aparecimento de doenças, como depressão e demências. Portanto, da mesma forma que Rembrandt, os indivíduos idosos podem-se manter produtivos contribuindo ativamente para sua qualidade de vida, assim como da sociedade atual.

Palavras-chave: Envelhecimento; Autorretratos; Pintura.

ABSTRACT: *It was made a survey and reflection about the self-portraits of Rembrandt, dutch artist of the seventeenth century, showing him on youth, maturity and old age. The artist made more than 100 self-portraits during his life course, merciless and cruelly documenting his body extinction. The loftiness and vigor portrayed in the youth self-portraits, were replaced by qualities acquired in the hard journey through life. Given the decay of the flesh, they were stripped by patience, reflection and wisdom. Rembrandt, in the last stage of life, old and poor, continued to work creating great quality paintings. With passion and love for his work, experienced and matured, he excelled in the painting technique and produced his best paintings. The painting was the artist refuge, giving him strength and courage until his death at age 63. In our current society, same way in the time of Rembrandt, the old man is still despised, discarded and excluded, in a life phase in which he could continue to be useful due to the knowledge and experience acquired over the years, that predisposes him to diseases such as depression and dementia. Therefore, just as Rembrandt, older people can remain productive, contributing actively to the society quality of life.*

Keywords: *Aging; Self-portraits; Painting.*

A partir da história biográfica do artista, Rembrandt Van Rijn, procurou-se analisar e discutir o processo de envelhecimento, refletindo sobre os processos criativos na maturidade e na velhice. A biografia permitiu a renovação e o enriquecimento da análise do pintor, que foi observado no interior de uma rede complexa de vida, a qual envolve vínculos de amizade, condição social, pertencimento a grupos filosófico-religiosos, região em que atuou e outros fatores (Farias Jr, 2007, p.03). Assim, a biografia remeteu ao entorno do biografado: à sociedade em que ele esteve inserido, ao seu contexto social e econômico, às suas influências e relações com o contexto em que viveu e às relações entre arte e vida. A escolha de Rembrandt se justifica, por ter este importante artista holandês do século XVII feito mais de 100 autorretratos durante a trajetória de sua vida.

Fez-se um levantamento e reflexões sobre os autorretratos de Rembrandt, mostrando-o na juventude, na maturidade e na velhice. Assim, o processo de envelhecimento do pintor pôde ser observado por intermédio da série de seus

autorretratos, nos quais contou sua história de vida e a história do seu tempo. O artista nasceu em Leiden, Holanda, em 1606. Suas raízes estão ligadas à família de classe artesanal que dispunha de recursos econômicos, o que permitiu a ele realizar o estudo médio na escola latina de sua cidade natal e, em 1620, entrar para a Universidade de Leiden. A cidade de Leiden foi um dos mais importantes centros culturais da Holanda do “século de ouro”, período de expansão comercial decorrente da navegação marítima, quando a Companhia das Índias Orientais fortaleceu o comércio de especiarias e de outras mercadorias do Oriente, gerando enorme riqueza para a Europa (Spence, 1998).

A pintura europeia nesse período, dominada pelo realismo, receberia o nome de barroco. Os países católicos eram influenciados pela arte italiana, repleta de movimento e de dramaticidade, ao passo que os Países Baixos se espelhavam na natureza. No entanto, de forma geral, todos os artistas retratavam as pessoas, no estilo naturalista, preocupados em reproduzir a luz, as formas e as cores como as viam na vida real (Peccatori & Zuffi, 2000). Precisamente em Leiden desenvolveu-se no século XV uma notável escola pictórica, talvez a mais importante de toda a Holanda. A arte de Leiden, delicada, precisa, atenta à reprodução de cada pormenor e inspirada, principalmente, em termos tradicionais da religião, durante mais de um século foi ponto de referência para pintores. Enfim, deriva desta chamada “pintura delicada” de Leiden o estilo do jovem Rembrandt.

O presente artigo teve como objetivo analisar os autorretratos de Rembrandt, relacionando-os com sua trajetória de vida e seu envelhecimento. Nos autorretratos de Rembrandt, percebem-se duas fases distintas: a inicial, de 1622 até 1642 (ano do falecimento de Saskia, sua esposa) (Figura 1), e a fase tardia, de 1643 a 1669 (ano de sua morte) (Figura 2). Os autorretratos executados ao longo da vida do artista documentam impiedosa e cruelmente o perecimento do seu corpo. A altivez e o vigor, retratados nas imagens da juventude, vão sendo substituídos por autorretratos que revelam qualidades adquiridas na dura caminhada pela vida. Diante da decadência da carne, desnudam-se a paciência, a reflexão e a sabedoria. O Rembrandt da juventude, cujos autorretratos lhe conferem forma de exercitar expressões faciais diversas, dá lugar a outro, no qual as decadências pessoal e financeira refletem-se nos olhos cansados, porém dotados da serenidade renovada. Os autorretratos do pintor, quase cem no período de 40 anos, são uma exploração artística de sua própria imagem, interrogando-se se seria por narcisismo ou afirmação. Seus autorretratos mostram desde o indivíduo

jovem de olhos rutilantes até o idoso, contemplando estoicamente seu próprio envelhecimento físico (Gombrich, 1999; Azara, 2002; Arthistoria, 2012).

A comparação entre os autorretratos iniciais e tardios de Rembrandt mostra a mudança das pinceladas, de finas para espessas. Na fase inicial, o pintor está preocupado com sua aparência física. Sua pintura é baseada em acabamento preciso, técnica detalhada, contrastes dramáticos e intensos de luz e sombra, o chamado *chiaroscuro*. Com esta técnica, Rembrandt realça as expressões faciais, dando vivacidade e realismo às pinturas e gravuras. Nos autorretratos desta fase há vários retratos luminosos do empreendedor rico e bem-sucedido, vestindo-se o artista com roupas e joias caras, casacos de pele e ouro, mostrando-se elegante e luxuosamente trajado. Vislumbra-se a presença da vaidade autorretratada nas pinturas que não refletem sua verdadeira aparência física. Emprega o pincel para ocultar o que não o agrada na face, retratando-se com brincos e com boina para dissimular a calvície. Também produz cenários fora de sua realidade, que podem ser vistos em seus autorretratos como pastor e caçador. Durante este período, o pintor está preocupado em expressar, por intermédio de suas obras, sentimentos como felicidade, surpresa, seriedade e medos (Gombrich, 1999; Strickland, 2002; Arthistoria, 2012).

No seu primeiro “Autorretrato” (1629), Rembrandt tem cerca de 23 anos e usa iluminação *caravaggiesca*, deixando um lado do rosto imerso em sombra. Nesta pintura, o artista se retrata com caprichosa mecha na testa e desenha seu nariz menos arredondado. Para isso, utiliza os caprichos de luz e sombra (*chiaroscuro*) e emprega seu pincel como instrumento para realizar uma cirurgia plástica artística (Cabanne, 1991; Arthistoria, 2012).

No “Autorretrato” (1630), percebe-se que o rapaz levanta a cabeça e madeixas desordenadas caem-lhe na testa e no pescoço. Ele tem os lábios carnudos entreabertos e as sobrancelhas erguidas. O rosto é apanhado no raio de luz que vem do lado esquerdo do quadro e bate no ombro do personagem. Por cima da gola branca, a face e a ponta do nariz aclaram-se momentaneamente. Na sombra, os olhos tornam-se atentos, perscrutadores e pousam no espectador, todavia sem o fixar; o rosto parece absolutamente absorvido pelo mundo que o cerca (Delmastro, 2001; Bezerra, 2006).

Seu pincel-bisturi fica evidente quando seus autorretratos são comparados com “Retrato de Rembrandt” (1630), pintado por Jans Lievens. Neste, pode-se observar sua aparência real, sem maquiagem: seu nariz tem dimensões maiores quando comparado com seus autorretratos; aparece vestindo roupas simples e não há utilização do

chiaroescuro. Nesta obra, pode-se ver seu perfil esquerdo, que raramente é autorretratado (White & Buvelot *et al*, 1999; Van De Wetering, 2000)

Em 1631, o sucesso do artista aumenta e, no mesmo ano, muda-se para Amsterdã. Continua a pintar seus autorretratos como um jovem elegante e de ar inteligente. Vestido esplendidamente no “Autorretrato” (1631), o artista mostra seu lado orgulhoso. O cão é pintado por ele posteriormente, simbolizando um *status* que não tem, pois a caçada é exclusividade da nobreza (White & Buvelot *et al*, 1999; Field, 2003).

Em 1634, ele atinge o auge da fama e da prosperidade e casa-se com Saskia van Uylenburgh, jovem bonita e de boa família que frequenta a sociedade e traz um bom dote. Além de seu casamento, as encomendas de Huygens e da Corte, o contato com o Dr. Tulp, médico de enorme fama, e a associação com o famoso negociante de arte van Uylenburgh, colocam Rembrandt no centro das relações importantes. No “Autorretrato com Sabre Erguido” (1634), ele posa com traje extravagante: usa manto de brocado com gola de arminho, boina com pena de avestruz e segura um sabre. As posturas grandiloquentes e as roupas vistosas que Rembrandt pinta se opõem aos retratos a negro dos puritanos. Assim, a década mais feliz na vida e na arte do artista caracteriza-se, sobretudo, por um desenvolvimento eclético nos modelos e no estilo (Van De Wetering, 2000; Mühlberger, 2002).

Entre 1635 e 1640, Saskia dá à luz um menino e duas meninas, mas nenhum deles sobrevive mais de dois meses. Rembrandt convive com a dor pela perda dos filhos, o que contrasta com o apogeu de sua prosperidade material. No “Autorretrato” (1640), Rembrandt retrata-se vestido com casaco de pele, brocado e veludo, encostado em uma balaustrada, com o cotovelo avançado e, apoiada sobre o braço, uma pesada estola de tecido caro. Debaxo do gorro quadrado, no rosto ligeiramente de perfil, transparece uma melancolia distante. O olhar aproxima-se do espectador, sem, contudo, abandonar uma certa reserva (Van De Wetering, 2000; Genet, 2002).

Na década de 1640, a carreira de Rembrandt sofre profunda mudança. Sua esposa Saskia morre em 1642 e, lentamente, ele vai-se tornando mais introspectivo e espiritualizado, pintando para sua própria satisfação e distanciando-se das convenções da época. O luxo vislumbrado nas pinturas anteriores, como brincos e maquiagem artística, gradativamente perde importância e o lado psicológico de suas obras ganha força (Bezerra, 2006).

Os burgueses esperam quadros que possam perpetuá-los e preservar para sempre seus feitos e não críticas ou exames de suas almas. Rembrandt passa a ser acusado de pintar o que quer, fazendo a análise crítica dos retratados em suas pinturas. Assim, a clientela começa a diminuir e os alunos abandonam seu estúdio. Rembrandt passa a pintar para sua própria satisfação e não para a de seus clientes (Bezerra, 2006).

Após a morte da esposa Saskia, o artista revela-se péssimo administrador, gastando mais do que recebe. Passa a manter relacionamento oculto com sua governanta Geertje e, posteriormente, também com a criada Hendrickje, comprometendo sua fama no ambiente religioso calvinista da época. Logo a seguir, as encomendas começam a rarear. Como é condenado a pagar pensão para Geertje, além de efetuar os pagamentos de sua luxuosa casa, Rembrandt afunda em grave crise financeira. Faz empréstimos, um após o outro, e começa a vender partes de suas coleções. Suas pinturas passam a retratar o lado psicológico de maneira magnífica, com beleza deslumbrante e perspicácia assustadora, como é mostrado no “Autorretrato” (1654). Em 1658, tudo o que possui é leiloado e ele é obrigado a vender até mesmo o jazigo de sua amada Saskia. Em 1659, o famoso pintor holandês está falido, na miséria. Tendo perdido pai, mãe e esposa, apresenta-se decepcionado e triste (Van De Wetering, 2000; Bezerra, 2006).

Nesta fase da vida, percebem-se mudanças no seu estilo de pintar. O artista utiliza pinceladas grossas e largas para criar um clima solene e silencioso em seus últimos autorretratos, substituindo o acabamento preciso da fase anterior. Começa a usar tons de marrom-dourado e sua técnica minuciosa dá lugar a pinceladas que sugerem apenas a forma e a textura. A distinção entre luz e sombra torna-se menos pronunciada, em uma investigação mais interna de seu ser. Seus autorretratos passam a apresentar atmosfera estática, mostrando-o pensativo e solene, com o olhar distante e triste. Neste período, retrata-se como realmente é e, sua aparência física não é mais relevante, com a mostra franca de seu envelhecimento. Seu rosto é retratado sem maquiagem, mostrando seu envelhecimento. Não mais esconde a obesidade, as rugas na testa, a flacidez, os olhos empapuçados, a gordura abaixo do queixo, a sombra acinzentada de sua barba e a massa de poucos cabelos grisalhos, castanhos e brancos, passando a usar roupas simples e sem joias (Mühlberger, 2002).

Nesta última etapa da vida, a velhice, Rembrandt realiza suas melhores obras. Em seu rosto, o artista retrata a passagem do tempo e as dificuldades do dia a dia. Para o artista, maduro e velho, o que importa é seu lado psicológico, suas emoções e sua verdade. Introspectivo, maduro e espiritualizado, passa a expressar sua reação

psicológica nos quadros, pois está em busca de si mesmo. Assim, com o passar dos anos, Rembrandt vai lentamente aceitando sua velhice. Está idoso e pobre, mas continua a trabalhar, fazendo pinturas de grande qualidade (Delmastro, 2001).

Com paixão e amor pelo que faz, experiente e maduro, Rembrandt é produtivo na velhice, tendo-se esmerado em sua técnica pictórica e produzido, neste período, seus melhores quadros. Com o envelhecimento, suas mãos não perdem a habilidade. Sua paixão pela pintura permanece imensa e ele não para de produzir obras, até 4 de outubro de 1669 quando morre de forma repentina e de causa desconhecida. Ele não deixa nada, além de algumas roupas e de sua grandiosa obra. Rembrandt, com várias perdas familiares, esquecido pelos compatriotas, morando de aluguel e, inclusive, com dinheiro insuficiente para pagar as despesas fúnebres, deixa uma tela inacabada em seu quarto, demonstrando que ainda está ativo. Embora velho, pobre e sozinho, ele nunca desiste de sonhar. Através da pintura, Rembrandt vai se conhecendo ao longo do tempo e faz dela seu refúgio nos últimos anos. É o que lhe dá forças e ânimo para continuar vivendo. O que vê no espelho já não o assusta mais; assume e aceita sua velhice com orgulho (Mühlberger, 2002).

Nos autorretratos representando-se como idoso, Rembrandt retrata integridade e honestidade, não empenhado apenas em mostrar a realidade da aparência física, mas também a ausência de vaidade. No “Autorretrato” (1669), o pintor com 63 anos enfoca o interior do homem, transmitido pela livre aplicação da tinta (Strickland, 2002). Nesta pintura, Rembrandt retrata-se como um velho que enverga vestimenta e barretinho de veludo, cujo tom violeta se mistura com castanho. Tem as mãos cruzadas na barriga e seus traços são serenos como os das pessoas que já viveram muitos anos. Cheio de confidências e perguntas, seu olhar sereno demora-se no espectador. Na paz do rosto misturam-se resignação e espera, ceticismo e confiança, insaciabilidade e plenitude. O personagem parece, ao mesmo tempo, próximo e inacessível (Van De Wetering, 1999; Bockemühl, 2001).

Rembrandt morre com 63 anos de idade. A expectativa média de vida no século XVII é de apenas 30 anos (Léon, 1984). Rembrandt, tendo vivido até os 63 anos, seria na atualidade considerado um “idoso jovem”, embora na época em que viveu tenha, certamente, sido visto como um “idoso muito velho”.

Em nossa sociedade atual, da mesma forma que ocorria na época de Rembrandt, o velho ainda é desprezado, sofre preconceito, é descartado e excluído em fase da vida na qual ele poderia ser de grande importância, em decorrência dos conhecimentos que

possui e da experiência adquirida ao longo dos anos (Debert, 1996). Esta exclusão, em período da vida no qual poderia continuar a ser útil, promove seu afastamento do convívio social e diminuição de sua atividade intelectual, predispondo-o ao aparecimento de doenças, como depressão e demência. Portanto, a velhice não é sinônimo de aposentadoria, nem de inatividade física ou psíquica. Da mesma forma que Rembrandt, os indivíduos idosos podem ser produtivos e contribuir de forma ativa para nossa sociedade (Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003).

A partir da obra de Rembrandt, deslumbra-se uma beleza própria em cada fase da vida. A trajetória do pintor, demonstrada por intermédio de seus autorretratos, confunde-se com a da maioria dos indivíduos da atualidade, principalmente na segunda metade da vida, quando o artista fica pobre e tem de conviver com perdas familiares e desprezo da sociedade. Mesmo com esses dissabores em sua velhice, ele não se aposenta e continua a pintar. É o que gosta de fazer, é sua paixão e sua vida. Felizmente, não é obrigado a se aposentar compulsoriamente, o que ocorre, muitas vezes, com os indivíduos idosos na atualidade. Querem continuar trabalhando, contribuindo, ajudando, mas são excluídos de suas atividades quando atingem a velhice. Apesar de todas as dificuldades e adversidades, Rembrandt mostra que o indivíduo velho pode ser útil à sociedade, ser produtivo, e que esta produção pode ser de extrema qualidade e relevância. Desse modo, é grave erro excluir o indivíduo velho do convívio social e do mercado de trabalho, se for desejo dele continuar trabalhando. Ao observar a trajetória de vida de Rembrandt, deve-se refletir sobre a política social relacionada aos idosos no nosso país (*I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional*, 1996).

Embora no âmbito da gerontologia, desde a segunda metade do século passado tenham-se ensaiado novas visões sobre o envelhecimento, propondo-se o conceito de “velhice bem-sucedida”, que leva em conta além da longevidade e da saúde, também a satisfação, numa atitude de envolvimento ativo com a vida (Bearon, 1996; Palmore, 2002), a velhice ainda é vista nos dias de hoje como uma fase da vida em que se perde a produtividade. Nesse sentido, uma sociedade como a nossa que dá primazia a níveis de resultado e eficiência, tende a considerar os indivíduos idosos como entraves ao desenvolvimento, afastando-os não só dos locais de produção como também dos de decisões. Por outro lado, o processo de envelhecimento acarreta fatores que desencadeiam ansiedade (problemas econômicos e de saúde, debilidades sensoriais, medos da deterioração física e mental, confronto com a morte de entes queridos e proximidade da própria), os quais levam ao afastamento da pessoa idosa de sentimentos

e pessoas, numa atitude de autoproteção. Esta visão determinista e negativa sobre o envelhecimento, na qual o saldo está invariavelmente do lado do infortúnio, são a base de estereótipos relativos ao envelhecimento, ainda presentes na nossa sociedade contemporânea. O declínio natural da idade não deve ser negado, mas perspectivado num quadro de compromisso de equilíbrio entre os aspectos negativos e positivos do envelhecimento. Deve-se focar nas forças, em detrimento das fraquezas, apoiando-se nas capacidades de resiliência do ser humano (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Os indivíduos idosos devem aproveitar sua experiência acumulada, com valorização da maturidade, dos saberes forjados e aperfeiçoados ao longo do tempo, e do intenso desejo de se comunicar nesta fase da vida.

Nos estudos sobre o envelhecimento, raras vezes são consideradas as atividades criativas, apesar de a criatividade ser referida como uma das formas mais significativas de transformação positiva do funcionamento humano (Vygotsky, 2002). A criatividade na terceira idade é vista sobre duas perspectivas opostas: a tradicional, que vê a criatividade como uma qualidade própria da juventude; e a que aposta na continuidade e até na valorização das aptidões do ser humano ao longo de toda a vida. A primeira debruça-se quase exclusivamente sobre o declínio físico e mental, concluindo que o resultado só pode ser o da progressiva perda de competências criativas; enquanto a segunda, privilegia a continuidade, realça qualidades como sabedoria e maturidade, que podem dar asas ao maior domínio sobre as emoções, à maior capacidade na superação de perdas, ao desinteresse pela ambição e ao desejo da liberdade da auto-expressão (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

A criatividade gera mecanismos que conduzem à maior percepção, à aquisição mais rápida de conhecimentos, ao raciocínio mais eficaz, à maior facilidade na tomada de decisões e à gama mais vasta e original de pensamentos, de associação de ideias e de produção de imagens (Bahia, 2008; Candeias, 2008; Lubart, 2008). Nesse sentido, o modelo de continuidade é o que contém mais hipóteses de valorização do ser humano, em todas as características pessoais e fases da vida, bem como o que se pode constituir como importante alternativa ao simples abandono à decadência. Entretanto, há evidências da relação direta da criatividade na terceira idade com as práticas criativas exercidas ao longo da vida. Na maioria dos casos, o despontar (ou o desenvolvimento) da criatividade na velhice espelha-se numa infância especialmente dotada e numa idade adulta que tenha privilegiado comportamentos de aquisição cultural, exercício da imaginação, do pensamento abstrato e do científico, do domínio da palavra, do corpo,

de uma técnica artística ou outros talentos intelectuais. Curiosamente, são também esses indivíduos que conseguem manter, durante mais tempo, uma melhor condição física e psicológica (Lindauer, 2003; De Masi, 2004).

A definição e caracterização de um estilo tardio, ou próprio da idade avançada, tem sido preocupação de teóricos e críticos de arte desde há quase um século, quando o termo “Altersstil” foi introduzido por Brinkmann, em 1925 (Lindauer, 2003). Não há dúvidas quanto à possibilidade da criatividade se estender até a idade avançada, tantos são os exemplos de obras realizadas por artistas e autores nos seus anos de velhice. As dúvidas, essas subsistem, é quanto à existência de um estilo próprio, à incidência com que ocorre, à forma como se pode caracterizar, ou na identificação dessas obras. Vários autores afirmam que esse estilo tardio é uma realidade, manifestando-se não só nas artes como também nas ciências ou em qualquer campo da atividade humana (Bahia, 2008; Ostrower, 2009).

A constatação de um estilo tardio, com todas as suas polêmicas ou incongruências, vem dar força à possibilidade de ser possível começar ou recomeçar na velhice, reforçar ou redirecionar a atividade criativa, levando ao envelhecimento bem-sucedido. Os estudos têm incidido, quase sempre, sobre criadores que se tornaram protótipos do estilo tardio e dos quais são exemplos: Cézanne, Goya, Michelangelo, Rembrandt e Tiziano na pintura; Sófocles, Eurípedes, Tolstoy, Goethe, Cervantes, Ibsen, Beckett, na literatura; e Beethoven, Britten, Verdi, Wagner, Schoenberg, R. Strauss, na música. Rembrandt passava dos 60 quando pintou seus quadros mais importantes. As obras de Bach ao envelhecer foram classificadas entre as mais belas e Beethoven superou a si mesmo nos derradeiros quartetos. Miguel de Cervantes já contava quase 70 anos quando completou “Dom Quixote”; Galileu, aos 72, produziu “Os Diálogos das Ciências Novas”, sua obra máxima; Laplace tinha 79 anos quando finalizou a “Mecânica Celeste”; Immanuel Kant, octogenário, escreveu Pela *Paz Perpétua*, um ensaio que passou à história. Os indivíduos criativos sempre têm que lutar contra o *status quo*, contra o que está estabelecido nos seus campos de ação. Com a idade, alguns deles tornam-se mais conservadores enquanto outros adquirem espírito mais livre e tolerante, tornando-se progressistas (Ostrower, 1995; Root-Bernstein & Root-Bernstein, 2001).

Rembrandt, em seus autorretratos, dá mostras de exaltação e declínio ao longo de sua existência. Os autorretratos, para ele, ultrapassam o desejo de expressar emoções e tornam-se registro irrefutável da passagem do tempo, com os ganhos ligados à sua

trajetória de vida, que lhe fazem produzir as melhores pinturas no fim de sua vida. Nesse sentido, o presente artigo teve o intuito de demonstrar que a velhice pode ser um período da vida criativo, propício a abraçar novas ideias ou causas.

Referências

- Artehistoria. *Rembrandt*. Recuperado em 22 junho, 2012, de: <http://www.artehistoria.jcyl.es/genios/pintores/3014.htm>.
- Azara, P. (2002). *El ojo y la sombra: una mirada al retrato em Occidente*. Barcelona (ES): Gustavo Gil.
- Bahia, S. (2008). Promoção do Ethos criativos. In: Morais, M.F. & Bahia, S. *Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção*. Braga: Psiquilibrios.
- Bearon, L.B. (1996). *Successful aging: what does the "good life" look like? Concepts in Gerontology*, NC State University. Recuperado em 10 junho, 2012, de: <http://www.ncsu.edu/ffci/publications/1996/v1-n3-1996-summer/successful-aging.php>.
- Bezerra, A.J.C. (2006). *Admirável mundo médico*. Brasília (DF): Gráfica Teixeira.
- Bockemühl, M. (2001). *Rembrandt*. Lisboa (PT): Taschen.
- Cabanne, P. (1991). *Rembrandt*. França: Editions du Chêne, Hachette Livre.
- Candeias, A.A. (2008). Criatividade: Perspectiva integrativa sobre o conceito e a sua avaliação. In: Morais, M.F. & Bahia, S.. *Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção*. Braga: Psiquilibrios.
- De Masi, D. (2004). *Criatividade e grupos criativos*. Rio de Janeiro (RJ): Sextante.
- Debert, G.G. (1996). *As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual*. In: Seminário Internacional Envelhecimento Populacional, 1, Envelhecimento populacional: uma agenda para o final do século, 1996, Brasília (DF). *Anais...* Brasília (DF): MPAS/ SAS.
- Delmastro, S. (2001). *Rembrandt*. Maremagnum, Trad. Torino (Itália): Stamperia Artística Nazionale.
- Farias Junior, J.P. (2007). Biografia e historiografia: contribuições para interpretação do gênero biográfico na Antiguidade. *Revista Espaço Acadêmico*, 68. Recuperado em 20 dezembro, 2012, de: <http://www.espacoacademico.com.br/068/68fariasjr.htm>.
- Field, D.M. (2003). *Rembrandt*. Estados Unidos da América: Regency House.
- Genet, J. (2002). *Rembrandt*. Ferreira Gullar, Trad. Rio de Janeiro (RJ): José Olympio.
- Gombrich, E.H. (1999). *A História da Arte*. (16ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): LTC Editora.
- Hodge, J. (1995). *Rembrandt*. New York (EUA): Smithmark Publishers.
- Léon, P. (1984). *História Econômica e Social do Mundo*. (6 vols.). Lisboa (PT): Livraria Sá da Costa.
- Lindauer, M.S. (2003). *Aging, creativity and art: a positive perspective on late-life development*. New York (EUA): Springer Virlag.
- Lubart, T. (2008). *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre (RS): Artmed.

- Mühlberger, R. (2002). *O que faz de um Rembrandt um Rembrandt?* Valentina Fraíz-Grijalba, Trad. São Paulo (SP): Cosac e Naify.
- Ostrower, F. (1995). *Acasos e criação artística*. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Campus.
- Ostrower, F. (2009). *Criatividade e processo de criação*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Palmore, E.B. (2002), *Successful Aging*. Encyclopedia of Aging. Recuperado em 11 julho, 2012, de: <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3402200395.html>.
- Peccatori, M.S. & Zuffi, S. (2000). *Art Book: Rembrandt*. José Viale Moutinho, Trad. Vigo (ES): Nova Galicia Edicións.
- Root-Bernstein, R. & Root-Bernstein, M. (2001). *Centelhas de gênios: como pensam as pessoas mais criativas do mundo*. São Paulo (SP): Nobel.
- Secretaria Especial dos Direitos Humanos. (2003). Plano de ação internacional sobre o envelhecimento. Organização das Nações Unidas. Arlene Santos, Trad. Brasília (DF): SEDH.
- Seligman, M. & Csikszentmihalyi, M. (2000). *Happiness, excellence, and optimal human functioning*. American Psychologist. Recuperado em 10 junho, 2012, de: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1071226>.
- Seminário Internacional: Envelhecimento Populacional – Uma Agenda para o final do Século (1996). *Anais do I Seminário Internacional Envelhecimento Populacional*. Brasília (DF): MPAS/SAES.
- Spence, D. (1998). *Rembrandt: a vida de um retratista*. Luís Antonio Aguiar, Trad. São Paulo (SP): Melhoramentos.
- Strickland, C. (2002). *A arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Rio de Janeiro (RJ): Ediouro.
- Van De Wetering, E. (1999). *The multiple functions of Rembrandt's self portraits*. In: *Rembrandt by himself*. Londres (Engl.): National Gallery Publications.
- Van De Wetering, E. (2000). *Rembrandt: The Painter at Work*. Amsterdam (Hol.): University Press.
- Vygotsky, L.S. (2002). *Obras Escogidas, 2*. Madrid, (ES): Visor. (Original publicado em 1927).
- White, C. & Buvelot, Q. (Eds.). (1999). *Rembrandt zelf*. Mauritshuis: The Hague.

Recebido em 02/02/2013

Aceito em 22/02/2013

Ledismar José da Silva – Mestrado em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB).

E-mail: ledismar@ucb.br

Lucy Gomes Vianna - Médica, professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora do curso de Graduação em Medicina (UCB). Professora Titular da Universidade de Brasília (UnB) (aposentada).

E-mail: lucygomes@pos.ucb.br / lucygomes2006@hotmail.com

Armando José China Bezerra – Professor do Programa *Stricto Sensu* em Gerontologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). Professor do curso de Graduação em Medicina (UCB). Professor Titular da Universidade de Brasília (UnB) (aposentado).

E-mail: abezerra@ucb.br

Figura 1. Auto-retrato (1629), Rembrandt (1606-1669). Óleo sobre tela, 37,0cm x 29,0 cm. Mauritshuis (Haia). Fonte: HODGE (1995, p.29)



Figura 2. Auto-retrato (1669), Rembrandt (1606-1669). Óleo sobre tela, 63,5 cm x 57,8 cm, Mauritshuis (Haia). Fonte: FIELD (2003, p. 371)

